



## **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**

*Feminism and Class Consciousness in Brazil*

**Luana Paula Moreira SANTOS<sup>1</sup>**

### **RESENHA/ BOOK REVIEW**

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014, 276 p.



---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Mossoró, Brasil). R. Intendente Antônio Bento, 119, São Miguel (RN), CEP.: 59920-000. E-mail: <<mirlacisne@gmail.com>.

O livro *Feminismo e Consciência de Classe no Brasil*, à luz da teoria social crítica e assentado nas discussões do materialismo francófono traz à cena da produção acadêmica brasileira um brilhante trabalho sobre os movimentos de mulheres no Brasil. Parte de uma densa reflexão teórica sobre temas pertinentes como luta de classes, consciência de classe, ideologia, alienação, bem como, é pioneiro ao trazer com profundidade para o contexto brasileiro o debate sobre as “[...] relações sociais de sexo”.

A autora aprofunda a crítica ao conceito de gênero e reascende o debate feminista sobre seus limites e suas fragilidades. O que torna seu trabalho além de atual, corajoso e compromissado com a indissociabilidade entre teoria e prática ao permitir que avancemos no debate teórico e possamos assim, refletir sobre as necessárias articulações e intervenções do movimento de mulheres no Brasil.

O primeiro capítulo, aponta com rigor teórico, mas sem perder a leveza da escrita, os fundamentos para compreender a classe, a luta de classes e a consciência de classe. A autora apresenta o caminho para o entendimento que a relação de classe é, também, política, “[...] para compreender as classes, é necessário apreender a dinâmica da luta de classes” (CISNE, 2014, p. 23). Isto posto, implica no entendimento de como as particularidades e diferenças que compõem os sujeitos são apropriadas pelo capital para gerar lucro. De modo corolário a autora nos leva à essencial compreensão da heterogeneidade da classe trabalhadora, “[...] se considerarmos que são pessoas que corporificam a classe, não podemos negar a existência de componentes como sexo e ‘raça’/etnia nas relações de classe” (CISNE, 2014, p. 23).

Para esse debate Mirla Cisne retoma o trabalho de teóricas feministas de referência no Brasil, a saber: Heleieth Saffioti e Elizabeth Souza-Lobo, que trazem à tona de forma crítica a heterogeneidade da classe trabalhadora. É fundante nessa análise durante o primeiro capítulo a relação de classe com sexo e *raça*/etnia, pois “[...] estas dimensões são estruturantes e indispensáveis para a compreensão da classe trabalhadora e da dinâmica de exploração que o capitalismo imprime sobre as mulheres e negros(as)” (CISNE, 2014, p. 29). Um elemento fundamental que merece destaque é que essa apreensão materialista da história, defendidas por autoras feministas críticas e ressaltada pela autora, traz em seu cerne a crítica ao economicismo que permeou as produções do marxismo vulgar e salienta um divisor de águas nas produções feministas de base materialista histórica dialética, enriquecendo-a e rompendo com estigmas que perpassam a utilização da fundamentação da teoria social crítica em estudos do tipo.

O primeiro capítulo aprofunda, ainda, a formação da consciência de classe, pois não basta pertencer a uma classe para que a *autorrepresentação consciente* surja. A consciência de classe das/os trabalhadoras/es oscila na dinâmica da luta de classes, o que levou a autora à necessidade de discutir a ideologia, a alienação e as formas de consciência.

---

<sup>2</sup> Rapportssociaux de sexe – na língua original francesa, *rapports* está diretamente vinculado a relações sociais de classe. No francês há duas traduções para a palavra relações, *relations* e *rapports*, esta última compreende relações estruturais, que está “[...] diretamente vinculada aos conflitos e tensões sociais entre grupos sociais com interesses antagônicos” (CISNE, 2014, p. 62), já “[...] *relations* diz respeito a relações mais pessoais, individuais, cotidianas” (CISNE, 2014, p. 62).

O segundo capítulo se volta à dimensão teórico-político feminismo como uma contribuição indispensável ao socialismo. É salutar neste capítulo o apanhado teórico dado às relações sociais de sexo, que denota o caráter pioneiro da obra no Brasil. Explica a autora que o uso de relações [rapports] sociais de sexo, classe e raça/etnia deixa explícitas as contradições e conflitos entre grupos/classes de interesses antagônicos. Pois, ao tratar de relações sociais de sexo, tratamos de relações mais amplas que não se limitam às dimensões pessoais, individuais, mas que estão diretamente associadas às determinações macroestruturais.

A escolha por esta categoria não se deu, segundo a autora, de forma aleatória, haja vista o conceito de gênero ser mais difundido na literatura feminista brasileira. O referencial na teoria marxista, torna a adoção de relações [rapports] sociais de sexo, classe social e raça/etnia mais coerente, pois essa categoria considera a determinação central do trabalho para os estudos feministas.

Os problemas e limites do conceito de gênero são debatidos no livro, sobre os quais destacamos: a hegemonia da perspectiva culturalista que ampliou no campo das discussões acadêmicas a ênfase nos elementos simbólicos em detrimento às questões materiais; a biologização do sexo; a neutralidade do conceito, ao não apresentar a dimensão conflitual das relações sociais.

A família também aparece neste capítulo, como instituição chave para entendermos “[...] o histórico da exploração e da opressão das mulheres” (CISNE, 2014, p. 81). Nela encontramos o reforço da divisão sexual do trabalho, que penaliza as mulheres, responsabilizando-as pelo cuidado com os demais membros da estrutura familiar, o cuidado que oculta o trabalho doméstico não remunerado e a reprodução social das desigualdades sociais imposta ao feminino. Na família, a mulher tem seu trabalho produtivo e reprodutivo apropriado (explorado); longe de ser uma instituição isenta das determinações do sistema capitalista-patriarcal-racista, a família se configura como *locus* de produção e reprodução das opressões e de base para a perpetuação da engrenagem do capital.

Diante desse contexto é primordial a relação entre feminismo e socialismo. A emancipação feminina não se efetiva nos marcos do capitalismo, para sua concretização é preciso a superação dessa lógica societária pautada na opressão e na exploração.

O sentido de uma luta revolucionária, portanto, deve estar atento para a desalienação das relações sociais ao passo que luta pelo humano e sua humanização. Logo, a luta pelo fim das relações que tornam a mulher objeto de exploração, inclusive sexual, enfim, a luta pela emancipação das mulheres está associada à luta pela emancipação humana (CISNE, 2014, p. 115).

O último capítulo apresenta os sujeitos da pesquisa, Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Marcha Mundial de Mulheres (MMM) e Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), que tem como *fio condutor* de análise a *formação da consciência feminista*. São apresentadas as concepções que permeiam cada organização, bem como, por meio das falas das entrevistadas é possível perceber como se desdobra essa consciência militante feminista em ações políticas concretas para a construção da emancipação humana.

Em relação aos movimentos feministas, destacamos que todos têm em comum a luta anticapitalista e anti-patriarcal. No tocante a AMB temos a preocupação precípua de organização das mulheres em movimento autônomo que prima pela formação da consciência militante feminista, sem perder de vista a articulação de classe e sua ação. A AMB aproxima-se do “*feminismo radical francófono*” ao considerar que suas pautas não estão subordinadas a nenhum movimento social misto ou a partidos políticos, afirma-se a-partidária.

O MMC é o único que defende diretamente a bandeira do socialismo como via de superação do patriarcado e da exploração do capital. Integra a Via Campesina, tendo nos sujeitos da Via seus “[...] parceiros mais diretos e prioritários de suas lutas” (CISNE, 2014, p. 260), além do partido da Consulta Popular, alianças mais diretas que não excluem outras articulações como AMB e MMM.

A MMM tem caráter internacionalista e bandeiras de combate ao patriarcado, neoliberalismo e capitalismo, “[...] também prioriza a Via Campesina em suas lutas, mas possui um arco maior de alianças, ao ter na sua composição a CUT e a Contag” (CISNE, 2014, p. 260). A MMM possui muitas militantes orgânicas no Partido dos Trabalhadores (PT), sendo em sua maioria ligadas à *Democracia Socialista* (DS).

Nas falas das entrevistadas são relatadas as compreensões sobre três pontos centrais: 1) a importância do feminismo para a formação da consciência militante e para luta de classes, subdividido em: a) a formação da consciência militante feminista e a auto-organização das mulheres e b) a contribuição do feminismo para a luta de classes; 2) principais lutas, ações e financiamentos da AMB, MMM e MMC; 3) a atualidade e desafios históricos do feminismo no Brasil, subdividido em dois tópicos: a) relação com movimentos sociais e partidos políticos e b) conquistas, dificuldades, limites e desafios.

A riqueza da pesquisa não pode ser explorada aqui, mas em suma é essencial apontar que as entrevistas expressam as afinidades e diferenças dos movimentos feministas pesquisados, demonstrando que o desafio da unidade à luta é presente. Expõe os desafios de uma militância feminista no campo da esquerda e o necessário trabalho de formação de uma consciência militante feminista. Em geral, os três movimentos possuem horizontes similares ao pautarem a importância da organização das mulheres, o horizonte de superação do capitalismo e do patriarcado, com diferenças nas táticas e em algumas pautas, como no caso do socialismo em relação ao MMC ou mesmo da autonomia radical defendida pela AMB.

O importante e primordial que a obra nos traz, além do rico e inovador debate teórico e rigor metodológico, é a necessidade de pensarmos o papel do feminismo como parte da construção de uma sociedade humanamente emancipada, considerando que “[...] a luta das mulheres é um fato político concreto que não apenas acrescenta um elemento novo à política, mas perturba-o profundamente. E, por que não dizer: revolucionar-o?!” (CISNE, 2014, p. 264).

---

**Luana Paula Moreira SANTOS**

Assistente Social, mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará, professora assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

---